

AMANDA SCATOLINI
aranda.scatolini@globo.com.br

“Temos que limpar o país das máfias, do narcotráfico e de seus cúmplices”, esbravejou o presidente do Equador, Daniel Noboa, ao fazer campanha, na última segunda-feira, pelo referendo obrigatório que será realizado amanhã a nível nacional. Sob a roupagem do combate à grave crise de segurança que o país atravessa, a consulta popular levará às urnas mais de 13 milhões de equatorianos, que deverão decidir sobre temas que abordam não apenas a escalada da violência, mas também questões econômicas. Para analistas, a manobra é uma tentativa do governo de “mostrar serviço” visando à reeleição em 2025, enquanto promove a repressão e o endurecimento das leis no país, aos moldes do salvadoreño Nayib Bukele.

Das 11 questões submetidas à votação pelo Conselho Nacional Eleitoral, sete são relacionadas a reformas jurídicas, enquanto as outras cinco dizem respeito a emendas constitucionais, todas podendo ser aprovadas ou rejeitadas separadamente e com diferentes prazos de aplicação.

CONFLITO ARMADO INTERNO
Entre as perguntas está a via livre para que militares apoiem policiais sem a necessidade de um estado de exceção; a extradição de equatorianos envolvidos no crime organizado; e o aumento das penas por crimes de terrorismo e narcotráfico. Também há uma questão de cunho trabalhista, sobre a permissão de contratação de trabalhadores por hora — que opositores argumentam que pode beneficiar mais ricos e empresas internacionais.

Pesquisas revelam que entre 43% e 55% dos equatorianos apoiam o endurecimento das leis contra o narcotráfico, dependendo da sondagem, com cerca de 28% de indecisos. A votação ocorre em um momento de extrema turbulência para o país de quase 18 milhões de habitantes e tomado por gangues criminosas.

O estopim do caso veio da fuga de José Adolfo Macías Villamar, conhecido como Fitu, líder da poderosa facção criminal Los Choneros, do presidente de Guayaquil, em janeiro. A fuga desencadeou uma violenta investida de quadrilhas criminosas no país, resultando em cerca de 20 mortes, ataques à imprensa, explosões e mais de 200 sequestros em



Caça às gangues. Militares participam de exercício antiterrorismo no porto de Guayaquil. O Equador segue em conflito armado interno desde janeiro, após uma onda de violência à tomar o país

Noboa usa referendo para se legitimar no poder no Equador

Com foco no combate ao narcotráfico, presidente quer mostrar a que veio enquanto aumenta a repressão no país

prisoões e nas ruas, levando o presidente a declarar o Equador em conflito armado interno, e dando às Forças Armadas poder para intervir.

O decreto segue vigente, mas a violência persiste. Além de novas fugas e rebeliões, somente na última semana, dois prefeitos foram mortos a tiros, somando-se a ao menos uma dúzia de políticos assassinados recentemente no país.

O caso mais proeminente foi o do candidato presidencial Fernando Villavicencio, baleado em agosto passado por pistoleiros colombianos quando deixava um evento de campanha antes das eleições presidenciais antecipadas daquele ano, num caso que gerou repú-

dio internacional. Para especialistas ouvidos pelo GLOBO, o referendo é uma forma de Noboa — no poder desde novembro, completando o mandato de Guillermo Lasso, que dissolveu o Congresso e convocou eleições antecipadas para evitar um julgamento político por corrupção — mostrar-se capaz de governar o país, embora não tenha obtido resultados positivos com suas ações de combate ao crime.

— Trata-se de um grande show, no qual ele quer se mostrar como uma pessoa forte e capaz, de pulso firme para frear a crise de segurança. Mas ele o faz de uma forma equivocada — diz Leonardo Maga-

lhães, CEO da consultoria Inteligência em Pesquisa Social e Estratégica (IPSE). A professora de Ciência Política Maria Villarreal, da UFRJ, também aponta o referendo como manobra política “propagandista”, resultado do “caráter autoritário” do presidente.

— A narrativa da segurança pública, com a criminalização e repressão, chamando não somente os grupos de crime organizado de terroristas. Isso é o governo tentando também criminalizar lutas sociais e movimentos de estudantes — diz Villarreal.

Muitos especialistas também apontam para as semelhanças entre Noboa com

Bukele, presidente de El Salvador, com sua caça às gangues, grande repressão interna e violação de direitos humanos. — Eu diria até pior. A diferença é que Noboa não consegue separar obter um resultado positivo na questão dos conflitos — opina Magalhães.

PAÍS MAIS VIOLENTO

A situação atual do Equador é bastante diferente do que era há poucos anos, quando era considerado uma “ilha de paz” entre os maiores produtores mundiais de cocaína, a Colômbia e o Peru. Mas o desmonte e enfraquecimento da segurança pública, mudanças nas rotas regionais do narcotráfico e o aumento das disputas entre gangues criminosas mergulharam o país em uma crise mais ampla.

Os números falam por si sós. A taxa de homicídios, que era de 6 por 100 mil habitantes em 2018, disparou para um recorde histórico de 45 por 100 mil em 2023, segundo dados levantados pelo jornal equatoriano *Primicias*. No mesmo ano, o país registrou cerca de 8 mil mortes violentas, consolidando sua posição como líder em homicídios na América Latina, conforme dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC).

— É um panorama desolador, levando em consideração que até 2017 o Equador era considerado um dos países mais seguros da América Latina — diz a professora.

A raíz da crise, apontam os analistas, está nas respostas equivocadas de Noboa e de governos anteriores, a partir de Lenin Moreno (2017-2021), e sobretudo Lasso (2021-2023), ao desmantelarem políticas públicas de segurança após a saída do presidente Rafael Correa (2007-2017). O desmanche permitiu que cartéis mexicanos e colombianos assumissem um papel mais preeminente no narcotráfico da região e subcontratassem grupos locais. Hoje, quase um terço da droga colombiana sai da América do Sul em direção aos EUA por portos equatorianos.

A guerra interna, soma-se um atrito diplomático com o México, devido à incursão policial na embaixada mexicana em Quito, no início de abril, ordenada pelo presidente para prender o ex-vice-presidente Jorge Glas, investigado por corrupção. O caso, que gerou forte comoção entre líderes da região, não parece ter impactado a opinião pública sobre Noboa, que quer dar ao presidente um “voto de garantia”, conclui Magalhães.

Homem atea fogo em si mesmo durante julgamento de Trump

Caso ocorreu pouco depois de ter sido concluída a seleção dos jurados que decidirão o destino do republicano por suposto suborno de ex-atriz pornô

NINA ROY

Um homem ateu fogo em si mesmo ontem, do lado de fora do tribunal onde o julgamento histórico do presidente dos Estados Unidos Donald Trump estava em andamento. Identificado por um alto funcionário do Departamento de Polícia como Max Azzarello, de 37 anos, ele estava em uma área isolada para apoiadores do republicano quando, por volta das 13h35 (14h35 em Brasília), encharcou-se com um líquido e deu início às chamas. Ainda não se sabe o que motivou a ação.

O caso ocorreu pouco depois da conclusão da seleção dos jurados (12 titulares e seis suplentes) que decidirão o destino de Trump no julgamento — o pri-

meiro em que um ex-presidente dos EUA se senta no banco dos réus por acusações criminais. O republicano, que busca voltar à Casa Branca nas eleições de novembro, é acusado de tentar ocultar suposto pagamento à ex-atriz pornô Stormy Daniels para comprar seu silêncio na reta final da campanha eleitoral de 2016, na qual foi eleito.

Dentro da sala de audiências, segundo o *Guardian*, o juiz Juan Merchan estava aparentemente alheio ao ocorrido e acabara de encerrar o expediente para o almoço. Ele também disse aos jurados recém-selecionados para atuarem no caso que as declarações de abertura estavam marcadas para segunda-feira pela manhã. No local, conforme relatado pelo *CNN*, uma pessoa se

aproximou de Trump e falou algo em seu ouvido.

Após o homem atear fogo em si mesmo, pessoas chegaram a correr para tentar extinguir as chamas. Dezenas de policiais também fizeram o mesmo. O homem, que parecia ainda estar vivo quando foi socorrido, foi colocado em uma ambulância e levado para o hospital em estado crítico.

‘GOLPE FASCISTA’

Azzarello também estava no parque na quinta-feira. Foi visto com vários cartazes e dizia que Trump e o presidente dos EUA, Joe Biden, estavam prestes a dar um “golpe fascista”. Em entrevista naquela dia, ele afirmou que suas visões críticas sobre o governo americano foram moldadas por suas pesquisas sobre Peter Dinklage, bi-



liário do setor tecnológico, e sobre cripto moedas. Trump é acusado de fraudar 34 registros contábeis para ocultar o pagamento de US\$ 130 mil (R\$ 675 mil) feito presumivelmente em troca

do silêncio de Daniels. Este é, no momento, o caso mais frágil de todas as questões jurídicas que Trump enfrenta, segundo analistas. Se for condenado, ele poderá pagar até quatro anos de prisão. Ele en-



Estado crítico. Paramédicos socorrem homem que ateu fogo a si próprio correndo frenar à Corte de Manhattan

frenta outras batalhas judiciais por ações que vão desde tentar reverter os resultados eleitorais de 2020 até ao manuseio e retenção de documentos secretos após deixar a Presidência, em 2021.